A Fundação Rockefeller e instituições de ensino e pesquisa em São Paulo. Procedimentos, práticas e personagens no campo biomédico: uma análise preliminar (1916-1952)

Maria Gabriela S. M. C. Marinho

Resumo

Em São Paulo, o ensino e a pesquisa na área biomédica foram dimensões privilegiadas de recursos e financiamentos destinados ao Brasil pela Fundação Rockefeller. O artigo procura oferecer uma visão de conjunto de sua atuação junto à comunidade científica brasileira e focaliza em especial o campo da *filantropia científica*. Enfatiza particularmente o caráter modelador de sua presença no campo biomédico ao introduzir e alterar procedimentos até então consagrados na pesquisa científica, nas práticas médicas e na educação relacionada às profissões de saúde.

Palavras-chave: Fundação Rockefeller; Ensino e pesquisa em São Paulo; Americanismo.

Brazilian's scientific fields supports by Rockefeller Foundation: Study case about biomedical science in São Paulo (1916-1952)

Abstract

This paper intends to analyse the Rockefeller Foundation's joint action with the local scientific community on implementing an excellency model of research. It offers a comparative view between the global resources and its application in Brazil by grants and fellowships and focuses, in addition, specifics points about biomedical science in São Paulo.

Keywords: Rockefeller Foundation; Biomedical research in São Paulo; Americanism.

Percurso historiográfico e institucionais

A presença da Fundação Rockefeller (FR) no Brasil tem sido analisada mais freqüentemente em sua vertente de apoio às campanhas de saúde pública e na instalação de infra-estrutura de combate às doenças endêmicas, em especial no controle epidemiológico da febre amarela, seja pelo volume dos recursos destinados ao setor, seja pelo caráter modelador de suas atuação, cujas diretrizes resultaram em profundas implicações na constituição das políticas públicas locais. Em torno deste recorte, vários estudos foram e continuam sendo realizados por estudiosos dedicados a pensar a questão nas articulações com o poder público; mais recentemente têm surgido estudos voltados para a constituição de um espectro de profissões relacionadas à saúde pública que se institucionalizaram com base em ações, diretrizes e estratégias nas quais a atuação da Fundação Rockefeller foi relevante.¹

Uma dimensão dessa presença cuja análise merece ser aprofundada relaciona-se à atuação da FR no campo da *filantropia científica*, seja pelo financiamento de instituições de ensino e pesquisa, seja pela concessão de bolsas individuais atribuídas a diferentes especialidades e não exclusivamente ao campo da saúde pública. O artigo assinala alguns percursos no campo biomédico e procura apontar aspectos ainda insuficientemente trabalhados pela historiografia dedicada ao tema da

filantropia científica norte-americana.²

A Fundação Rockefeller constituiu-se numa das maiores e mais antigas instituições filantrópicas e teve, ao longo de sua trajetória, uma atuação marcante nos Estados Unidos e em diferentes países de todos os continentes. Juntas, a Fundação Rockefeller e a *Carnegie Corporation* são consideradas como as principais fontes de recursos que financiaram o deslocamento do centro de produção científica da Europa para os Estados Unidos no período entreguerras. Criada nos Estados Unidos em 1913, teve por objetivo reunir e centralizar as ações filantrópicas da família Rockefeller, que vinham sendo praticadas de forma sistemática e em escala crescente desde o final do século XIX. Ao longo das décadas de 1910, 20, 30, 40 e 50 passou a atuar em setores-chave da vida pública, em escala nacional e internacional, financiando atividades em saúde pública, educação, ensino médico, psiquiatria, ciências naturais – especialmente nos campos da genética, endocrinologia, fisiologia e dos estudos quantitativos em biologia, além de física e química aplicadas. Nas ciências sociais, promoveu estudos em antropologia e em áreas envolvendo relações do trabalho, previdência social, relações internacionais, economia, política e administração pública, além das artes, cultura, meios de comunicação, informação e difusão, arquivos, acervos históricos e aprendizagem intensiva de inglês em países estrangeiros (Kohler, 1987).

* Endereço para correspondência:

E-mail: gabriela.marinho@saofrancisco.edu.br

No Brasil, nas primeiras décadas do século XX, mais particularmente em São Paulo, o ensino e a pesquisa na área biomédica foram dimensões privilegiadas desse apoio institucional cujas origens podem ser identificadas em 1916, quando estabeleceram-se os primeiros contatos entre a Fundação Rockefeller e a Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo. Desses contatos iniciais resultaram dois grandes acordos, envolvendo recursos específicos e de grande monta: o primeiro, com vigência entre 1918 e 1925, destinado à criação do Instituto de Higiene e para o qual foram enviados dois pesquisadores norte-americanos, Samuel Taylor Darling e Wilson Smillie. Como desdobramento deste mesmo acordo, foi criado ainda o Instituto de Pathologia, onde atuaram, entre 1922 e 1925, dois outros pesquisadores estrangeiros: o canadense Oskar Klotz e o norte-americano Richard Archibald Lambert.

Especificamente no campo da Higiene, o processo traduziu-se pela criação, sucessivamente, da Cadeira de Higiene (1916), depois Departamento de Higiene (1917), posteriormente Instituto de Higiene (1918), que resultou, finalmente, em 1946, na implantação da Faculdade de Higiene e Saúde Pública.³

O segundo grande acordo visou especificamente à reformulação da estrutura acadêmica da Faculdade de Medicina com o objetivo de transformá-la em instituição-modelo para a América Latina, com base no projeto de excelência das *Rockefeller's Schools*, disseminado em escala planetária e assentado no modelo uniforme de tempo integral para pesquisa e docência nas disciplinas pré-clínicas, *numerus clausus* (limitação do número de vagas) e criação do hospital de clínicas, recomendações preconizadas em 1910 pelo Relatório Flexner, encomendado pela Fundação Carnegie e substrato das reformas do ensino médico norte-americano no período.

A abrangência da intervenção na Faculdade de Medicina de São Paulo pode ser aferida, entre outros indicadores, pelo volume de recursos a ela destinados pela FR: foram transferidos cerca de um milhão de dólares entre 1916 e 1931 para a remodelação do ensino médico. Aproximadamente no mesmo período – 1916-1940 – a mesma agência destinou cerca de quatro milhões de dólares para o combate à febre amarela em todo o território brasileiro.

Ainda no campo biomédico, nas décadas de 1940 e 50, a Fundação Rockefeller patrocinou pesquisas desenvolvidas na Escola Paulista de Medicina (EPM), atual Universidade Federal de São Paulo (Unifesp). Criada em 1933, sua origem tem sido atribuída a fatores que remetem à atuação da Fundação Rockefeller em São Paulo. Sua implantação teria resultado, entre outros fatores, de uma dissidência de professores da Faculdade de Medicina de São Paulo inconformados com os limites e as restrições impostas pelo modelo da Fundação Rockefeller, em

especial ao *numerus clausus*, responsável por estrangular o ingresso de estudantes em virtude do número reduzido de vagas: no máximo cinquenta alunos por ano, situação ainda mais explosiva em face de uma demanda crescente.⁴

Por outro lado, a destinação de recursos da Fundação Rockefeller para um grupo de pesquisadores instalados na Escola Paulista de Medicina assegurou à instituição um novo patamar de produção científica e de profissionalização do corpo docente, abrindo caminho para sua subsequente federalização (1956), conforme depoimento de José Ribeiro do Valle, um dos primeiros pesquisadores beneficiados no processo:

*[...] o Miller [Harry Miller Jr., no período, o officer da FR no Brasil] deu o primeiro auxílio da Rockefeller para o nosso laboratório, apesar da escola ser particular e da Fundação Rockefeller impedir que as coisas se fizessem assim, a não ser que fosse diretamente com o governo. E a escola não era do governo. Quando a Rockefeller nos ajudou, então a coisa mudou de figura. Aí começamos a respirar. [...] Em 1955 passamos a contar com o apoio da Fundação Rockefeller. Além de equipamentos, num montante aproximado de 20 mil dólares, recebemos duas bolsas de estudo – uma para o professor Leal Prado, de 20 meses em Paris, e outra de 23 meses, na Filadélfia, para o doutor Paiva. A aparelhagem adquirida nos Estados Unidos, naquela época, veio ampliar consideravelmente e facilitar os nossos trabalhos.*⁵

O apoio da Fundação Rockefeller a pesquisadores da Escola Paulista de Medicina é um processo ainda insuficientemente analisado e bem menos conhecido do que a presença dessa agência em instituições congêneres da Universidade de São Paulo.⁶ Embora tenha sido decisiva na constituição de um padrão de pesquisa, referências escassas e pontuais não conduziram, ainda, à formulação de análises mais consistentes acerca dos impactos na produção científica daquela instituição e na construção de um modelo de excelência atrelado a agendas específicas.

Fluxo de bolsas e bolsistas: programa permanente de internacionalização da pesquisa científica

Outro aspecto a ser analisado mais detidamente em suas implicações para a comunidade científica local refere-se ao fluxo de bolsas e bolsistas que se estabeleceu do Brasil para a Europa ou Estados Unidos a partir das concessões efetuadas pela *Rockefeller*. A concessão de bolsas de estudos foi uma das atividades principais desenvolvidas pela instituição, que iniciou seu programa em 1917. Entre 1917 e 1951, cerca de 75 países foram beneficiados, num total de 6.342 bolsistas nos

campos da saúde pública, enfermagem, ciências médicas, ciências naturais, ciências sociais e humanidades.⁷

Esse modo de inserção privilegiada na comunidade científica estendeu-se, evidentemente, ao Brasil. Embora seus impactos ainda estejam insuficientemente dimensionados, um indicador seguro acerca desse poder modelador pode ser aferido, por exemplo, pela expressiva liderança de ex-bolsistas na direção da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), criada em 1948.⁸ Harry Miller, figura central na intermediação entre os cientistas locais e a agência norte-americana, ao conceder, em 1977, depoimento sobre sua atuação no Brasil, assinalou da seguinte forma o impacto desse fluxo, quanto à liderança e organização da comunidade científica no país.

[...] In Brazil (I don't really know the total research fellowships in 20 years) we gave out ... 126. We've had 268 fellows from 20 countries in all Latin America. There aren't that many fellowships, but they were the

cream of the crop who combined all our criteria for a fellowship. The same thing is valid to Brazil. [...] I'm personally very proud of the fact that all the officers of SBPC were Foundation fellows.

GEDEC – *All those you checked?*

H. M. – *But that wasn't recognized by Maurício Rocha e Silva when he wrote his article on the birth of experimental science in Brazil. He did mention Pavan, but he didn't say anything about ... I don't know who the new officers are, except that Oscar Sala was reelected. Do you know who are the vice-presidents?* (Miller Junior, 1991, p. 42)

Uma consolidação parcial destes dados pode ser visualizada na tabela abaixo, elaborada com base em informações coletadas em relatórios oficiais, indicadores que confirmam a ênfase da instituição no campo da pesquisa biomédica.

Bolsas da Fundação Rockefeller de 1917 a 1950

	Total Geral	Total do Brasil
(1) Saúde Pública e Enfermagem	2.566	91
(2) Ciências Médicas	1.263	46
(3) Ciências Naturais	1.219	29
(4) Ciências Sociais	823	1
(5) Humanidades	471	10
Totais	6.342	171

Fonte: Anuário da Fundação Rockefeller de concessões a associações. Nova Torque, 1951.

Matrizes culturais e práticas médicas-modelo institucionais na medicina e no ensino médico

Relacionado ao tema da *filantropia científica*, tendo, porém, como objeto a Universidade de São Paulo, pude, em outro contexto, propor uma discussão preliminar em torno do que denominei naquela circunstância um *processo de substituição de matrizes civilizacionais* ao identificar ali a presença da cultura norte-americana, representada pelas intervenções da Fundação Rockefeller na constituição de áreas e grupos de pesquisa como a física e a genética, em contraponto à praticamente hegemônica presença francesa nas instituições acadêmicas locais, sobretudo no campo das humanidades (Marinho, 2001).

O argumento central desenvolvido anteriormente e aqui retomado de modo mais específico pretende assinalar aspectos do ambiente social – no qual a atuação da FR também se inscreve – que contribuiu para promover um forte deslocamento da tradição da medicina francesa vigente no país, assentada na clínica, para procedimentos espelhados nas práticas norte-americanas de viés intervencionista. A difusão dessas

práticas e procedimentos pode ser verificada em trecho do depoimento de Benedicto Montenegro, médico paulista de grande prestígio nas décadas de 1940 e 50 que, tendo estudado nos Estados Unidos, foi um dos primeiros “mediadores” das relações entre a Fundação Rockefeller e membros da elite local:

[...] Ainda em fase inicial de minha carreira, fui chamado para atender uma menina (com aproximadamente 7 anos de idade) que estava atacada de apendicite aguda com sinais de peritonite. [...] Naquela época [década de 10] [...] os clínicos e os cirurgiões estavam divididos em dois grupos: os intervencionistas de urgência influenciados pelos cirurgiões norte-americanos e os conservadores, pelos franceses. [...] acontece que, tendo sido eu diplomado por Universidade norte-americana e aluno de dois eminentes cirurgiões intervencionistas, não tive dúvida em aconselhar a intervenção imediata. [...] Em decorrência, tornei-me, obrigatoriamente, um especialista em cirurgia gastro-duodenal [...] com o passar do tempo consegui acumular uma casuística de mais de 5.000 intervenções cirúrgicas [...] Por este motivo, me foi

concedido em 1947, pelo “Colégio Americano de Cirurgiões”, o título de “Fellow Honoris Causa”, oportunidade em que fizeram a declaração de que em era o “Campeão Mundial de Operações do Estômago”.

A propósito do episódio acima, Montenegro acrescenta que, antes de efetuar a cirurgia, a mãe buscou uma segunda avaliação. Desse modo, foi convocada a opinião de Arnaldo Vieira de Carvalho, médico de grande prestígio, diretor de várias instituições de saúde em São Paulo e o principal articulador das relações entre a Faculdade de Medicina de São Paulo e a Fundação Rockefeller até a década de 20, quando faleceu. O diagnóstico foi coincidente, mas Arnaldo desaconselhou a cirurgia, nos seguintes termos, segundo o relato do próprio Benedicto:

[...] “Montenegro, aqui no Brasil, em casos como este, adotamos a orientação do médico francês Dieulafoy, ilustre professor da Universidade de Paris e que consiste em pôr o doente em repouso no leito, colocar uma bolsa de gelo no ventre, prescrever dieta absoluta de líquidos [...] e dar algumas gotas de elixir paregórico para paralisar o intestino [...]”. Prosegue o relato do autor: [...] Frente a esta manifestação, eu disse ao Dr. Arnaldo que acatava a opinião dele, pois o considerava como o melhor cirurgião paulista, embora eu não estivesse de acordo, visto que eu aprendera com os mestres na Universidade da Pensilvânia, que apendicite aguda deve ser operada nas primeiras 24 horas, para se evitar a morte do doente. (Montenegro, 1978, p. 78-81)

Segundo Montenegro, o estado da criança piorou e suas recomendações foram acatadas, razão pela qual a cirurgia, realizada pelo próprio Arnaldo com sua assistência, mereceu a seguinte manifestação:

[...] “os seus mestres têm razão, pois apendicite aguda deve ser operada imediatamente”. A partir desse dia passou a agir assim [...] desde aquele episódio, apendicite aguda, em São Paulo, passou a ser operada imediatamente, pois o Dr. Arnaldo, tendo se convencido de que essa era a melhor conduta, não obstante fosse mestre prosélito da escola francesa, recomendava em tais casos “operação de urgência”. Graças ao conceito que ele desfrutava como exímio cirurgião, o seu conselho também foi adotado em outros Estados do Brasil. (Montenegro, 1978)

Zeferino Vaz: adesão pragmática ao modelo filantrópico da Fundação Rockefeller

Entre trajetórias e parcerias estabelecidas pela Fundação Rockefeller, seguramente uma das mais estáveis

pode ser identificada no estreito relacionamento que se constituiu entre Zeferino Vaz e a instituição, e que marcou profundamente sua experiência pessoal e profissional.

A formação acadêmica de Zeferino Vaz foi construída na Faculdade de Medicina e teve início em 1926, primeiro ano de vigência plena das reformas ali introduzidas pela FR (Marinho, 2001; 2003). Nos anos subsequentes, um conjunto significativo de vínculos institucionais foi se articulando e as concepções da Rockefeller se amalgamaram de tal modo em seu *modus operandi* que o texto inicial do estatuto da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), que Zeferino organizou e dirigiu entre 1965 e 1977, adota em essência o *lema* e a *missão* da instituição norte-americana.

Essa notável associação pode ser verificada pela *missão* que a Fundação Rockefeller atribuiu-se desde o início de suas atividades filantrópicas: *promover o bem da humanidade*. Nos estatutos da Unicamp, em entrevistas, discursos e depoimentos, Zeferino Vaz assinala que a *missão* da instituição que organizou e dirigiu por doze anos deveria ser *promover o bem-estar físico, social e espiritual do homem* (Fosdick, 1957; Pessoa, 1977; Vaz, 1978).

A origem de convergência tão estreita pode ser atribuída a variáveis que vão da conjuntura histórica local – que propiciou alterações profundas no cenário institucional no campo da ciência profissional, instância na qual desenrolou-se sua existência pessoal – até características da personalidade exuberante e superlativa de Zeferino Vaz, marcada pela centralização do poder, pelo pragmatismo e conservadorismo político.

Hábil na construção de sua imagem pessoal, o personalismo e a “independência” de Zeferino Vaz afirmaram-se, em grande medida, como uma característica socialmente apreendida como “positiva” e “catalisadora” que vicejou em um ambiente onde a ciência ainda não se institucionalizara plenamente. Algumas passagens em particular são reveladoras da percepção que Zeferino Vaz logrou construir em torno de si, como liderança acadêmica empreendedora e figura central da *filantropia* promovida localmente pela Fundação Rockefeller, especialmente quando confrontadas com documentos pessoais, conforme transcrições a seguir.

A primeira transcrição, extraída do relato memorialístico de Darcy Ribeiro, refere-se à curta atuação de Zeferino como reitor da Universidade de Brasília (UnB), entre 1964 e 1965, e retrata-o como um paladino das “causas justas”:

A UnB foi entregue primeiro a Zeferino Vaz, que havia criado uma importante escola de medicina em São Paulo [referência à Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, instituição implantada em 1952 como unidade integrante da Universidade de

São Paulo e que recebeu importantes repasses da Fundação Rockefeller, como referido mais adiante]. *Ele horrorizou-se tanto com a odiosidade da ditadura que abandonou o cargo. Foi para São Paulo, onde conseguiu, de Adhemar de Barros, recursos para criar uma UnB paulista: a Unicamp.* (Ribeiro, 2000, p. 246)

Contudo, essa mesma figura a quem, segundo o relato de Darcy Ribeiro, repugnava a odiosidade da ditadura, travou, em sua correspondência particular com os próceres da Rockefeller, respectivamente Harry Miller e Robert Briggs Watson, as seguintes interlocuções:

Recebi sua carta com a maior alegria, lamentando apenas que você tivesse estado doente. Realmente, sou o Reitor em Brasília, com um terrível “abacaxi” para descascar. Felizmente, o Almir é o Vice-Reitor, e isto representa auxílio poderoso. [...] Comecei a sonhar de novo, agora para realizar a Universidade e muito me agradou que você recordasse os sonhos que juntos vivemos no início da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto.

Estou realmente orgulhoso da informação que você me transmitiu, e que acredito seja de gente autorizada, de que a Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto é a melhor da América Latina. Você também deve e pode estar legitimamente orgulhoso dela ao lembrar-se, e eu não esquecerei nunca, de que foi você quem nos compreendeu em 1º lugar e conseguiu o primeiro auxílio da F. R. de US\$ 50 mil dólares. Foi um impulso decisivo que permitiu à Faculdade ganhar o otimismo e alcançar a posição de liderança que hoje usufrue. Acabamos de completar os planos para os cursos de Ciências Médicas e Biológicas da universidade e estamos prontos para iniciá-los em 1965.

Estou extremamente satisfeito ao saber que você pretende vir ao Brasil em 1965, mais ou menos por esta época. Espero que você me faça conhecer previamente o plano de viagem, sabendo desde já que você será hóspede da Universidade de Brasília e terá passagens por via aérea de qualquer ponto do Brasil. Naturalmente isto se estende a Mrs. Miller caso você venha com ela.

Gostaria, ademais, de poder auxiliá-lo em qualquer dificuldade, inclusive para pagamento da passagem de Nova York ao Brasil e vice-versa, através do Conselho Estadual de Educação de São Paulo, do qual sou também presidente, ficando bem claro que isto não é nenhum favor pessoal, mas apenas uma tentativa de retribuir os imensos serviços que você prestou ao desenvolvimento científico do Brasil. De outro lado, a sua presença aqui, transmitindo-nos o seu conselho e a sua vasta experiência, seria para nós de extrema utilidade.

Por favor, exponha o problema com a maior franqueza ao Reitor, que é o velho amigo, profundamente grato. (Vaz, 1964cr)

Especificamente sobre o Golpe Militar de 1964, Zeferino é mais direto:

Meu caro Bob Watson

Sinto necessidade de escrever a um amigo, que é também amigo de meu país, para relatar-lhe alguma coisa dos maravilhosos dias que aqui vivemos e que culminaram com a abertura cirúrgica do infecto abscesso comunista que minava o nosso país por ação direta do Jango Goulart e da camarilha comunista que o rodeava. Foi realmente maravilhoso verificar a tremenda reação do espírito democrático brasileiro quando a canalha esgotou a nossa paciência. Pensar que o movimento foi puramente militar é um erro grosseiro. A iniciativa da ação, iniciada há um ano discreta e cuidadosamente preparada, precedida de contínuas advertências à Nação, coube indubitavelmente ao governador Adhemar de Barros.

O Lacerda, grande orador, limitou-se à propaganda. Enquanto isso, o Adhemar preparava meticulosamente com uma capacidade de ação impressionante, todos os dispositivos de defesa e de ataque. Tudo foi previsto nos menores detalhes para uma luta de muitos meses e foi ele quem articulou e convenceu os chefes militares. A verdade é que duas horas depois de o Adhemar anunciar pelo Rádio, às 2 da madrugada do dia 31, a adesão de S. Paulo ao movimento começado em Minas, todos os organismos e indivíduos – CGT, PUA, UNE etc. estavam controlados e presos.

Às 6 horas da manhã já as tropas do II Exército estavam próximas do Rio de Janeiro. Devo esclarecer, aliás, que a iniciativa coube a Minas, por prévia combinação, por motivos psicológicos. Si [sic] partisse de S. Paulo, poder-se-ia pensar que fôsse manifestação do “imperialismo” paulista como foi em 1932. Impressionante foi o entusiasmo do povo. A ação militar representou tão-somente a vontade da imensa maioria dos brasileiros. O erro grosseiro do Jango e da camarilha (Darcy Ribeiro, Assis Brasil, Ryf etc.) foi duplo: 1º – subestimou a inteligência dos democratas como capacidade de organizar-se e de reagir. 2º – Fizeram tanta propaganda dirigida e tantos comícios artificialmente preparados que eles acabaram por convencer-se de que realmente tinham apoio popular. Aliás este é um fenômeno psicológico freqüente – o propagandista ficar mais empolgado do que o público que pretendia convencer.

Ficaram de tal forma convencidos das forças de que dispunham, bem como de que nós estávamos inertes e apavorados, que cometeram a estúpida imprudência de

quebrar a disciplina das forças armadas, estimulando marinheiros contra os seus oficiais. E foi ótimo que assim procedessem porque o Exército, sempre obediente às leis, convenceu-se de que a Constituição fora afrontada. Lembro que a disciplina nas forças armadas é imperativo constitucional e nem poderia ser de outra forma. Agora meu caro Watson, e para seu espanto, si é que os comunistas ainda nos podem espantar, vou contar-lhe alguns detalhes interessantes. Em todas as cidades principais do Estado de São Paulo (acredito que também nos outros Estados) havia um pelotão de fuzilamento, constituído de onze comunistas, e havia listas organizadas de indivíduos que deveriam ser fuzilados. A lista do “paredon” de Ribeirão Preto incluiria, além deste seu criado, o Paulo Romeo, Woiski, Ruy Ferreira Santos, Norma Gonçalves etc. Note-se que o Raia, assistente de Woiski que o criou e o diferenciou, é um dos chefes do comunismo em Ribeirão Preto e não teve dúvida em incluir o seu mestre entre os que deveriam morrer. É um monstro, ou melhor é um autêntico comunista.

Eu mereci o privilégio de ser incluído na lista do “paredon” em Ribeirão Preto e em São Paulo. Aliás, os vermelhos já me haviam “enterrado” simbolicamente nas duas cidades quando me insurgi vitoriosamente contra a UNE que pleiteava 1/3 de estudantes na Congregação e no Conselho Universitário. Agora vamos fazer a limpeza cuidadosa em todo o Brasil. Em Ribeirão, foram presos e serão expulsos da Faculdade o Luiz Carlos Raia (pediatria), Clarimundo Alves, José Carlos Reis, Marisa etc. (Clínica Médica – O Hélio Lourenço é um mistério), Sérgio Cardoso (Farmacologia), Cavalheiro (Parasitologia), etc.

O povo e o Exército agora não perdoam mais, mesmo os coniventes e os omitidos como por exemplo o Jânio Quadros, cujos direitos políticos foram cassados por 10 anos. Realmente ele é o grande responsável por tudo quanto sofremos e pelo perigo sério que corremos. É claro que foram tomadas medidas excepcionais, que a situação exige, para expurgar e limpar o abcesso. Por isso foi suspensa a vitaliciedade de cátedra (permitindo livrar-nos dos Mario Schoimbej),⁹ cassados mandatos de deputados comunistas de comuno-católicos (Paulo Tarso, Arruda Sampaio, Abelardo Jurema).

O Congresso elegeu o General Castello Branco para completar o mandato atual até janeiro de 1966. Conheço-o de há muitos anos e posso afirmar-lhe: a) É a mais brilhante inteligência do Exército; b) Tem uma enorme autoridade moral e nunca se imiscuiu em política; c) É um homem tranqüilo, modesto e discreto, e foi compelido quase à força a aceitar a candidatura; d) Participou ativamente da II Guerra na Itália com os norte-americanos é amigo leal e foi condecorado pelo Congresso

Americano por relevantes serviços; e) É profundamente democrata e abomina qualquer tipo de ditadura; f) É, enfim, um homem que sabe o que quer e sabe querer com inteligência.

Note porém meu caro Watson que não serão combatidos apenas os comunistas, os tubarões também estão apavorados. Reformas sociais necessárias serão agora realizadas, pois o Congresso tem 30 dias de prazo para estudá-las. A eleição de Castello Branco se impunha porque as raposas do PSD já estavam articuladas com o PTB (como sempre) e preparavam-se para assumir o poder (como sempre). Assim tudo recomeçaria e, dentro de um ano, voltaria toda a canalha janguista e mais os tubarões oportunistas. Enfim, depois desta experiência, ninguém mais se atreverá a tentar destruir o regime democrático, único compatível com a índole cordial do povo brasileiro.

Estou certo de que estas notícias serão agradáveis a homens como você que tão bem compreendem as nossas qualidades e as nossas fraquezas, assim como a todos os amigos da Fundação Rockefeller que nos tem auxiliado decisivamente e desinteressadamente a alcançar o nosso desenvolvimento cultural. Esperando que me comunique previamente a sua visita e pedindo-lhe que me recomende a Mrs. Watson, envio-lhe um muito afetuoso abraço o

Zeferino Vaz

P. S. – Após 12 anos de trabalho fascinante, pude gozar a imensa satisfação de pronunciar a oração de despedida de fundador e diretor da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto. Passei a Diretoria ao nosso caro Moura Gonçalves, como Diretor eleito pela Congregação, em cerimônia emocionante na qual me conferiram o título de Professor Honoris Causa. A Faculdade atingiu a plena maturidade física e espiritual. Pode e deve autodeterminar-se. À Fundação Rockefeller, que tanto me auxiliou, creio poder dizer: Missão cumprida. Fiz o melhor para cumprir o meu dever. Vou escrever sobre o assunto ao nosso caro “boss”¹⁰ Dr. Morison. (Vaz, 1964 cm)

A imagem que Zeferino Vaz logrou construir de sua trajetória e que emerge como empreendedora, transformadora, renovadora, enfim, de uma sociedade em transição profunda e modernização acelerada, entre as décadas de 1920 e 1970, ainda carece de uma análise mais sistemática, em especial acerca do papel desempenhado pelos recursos obtidos junto à Fundação Rockefeller.

Ao acompanhar as profundas transformações sociais e institucionais que crivaram o país, em especial São Paulo, entre aquelas décadas, período que abarca o conjunto mais relevante das ações de Zeferino, é possível

percebê-lo enredado na trama de tais transformações, manejando recursos vultosos, promovendo e sendo conduzido por deslocamentos drásticos que, em curto espaço de tempo, contribuíram para modelar práticas e instituições científicas do campo biomédico em São Paulo.

Considerações finais

O artigo procurou contemplar três aspectos das relações estabelecidas entre a Fundação Rockefeller e instituições de ensino e pesquisa do campo biomédico em São Paulo, entre as décadas de 1916 e 1952, assinalando a natureza e a configuração dos acordos, fluxos de recursos, o ambiente social no qual se desenrolaram as ações analisadas e personagens envolvidas no amplo processo de negociação e transferência de práticas e procedimentos médicos e científicos. Trata-se de uma análise preliminar, em que se buscou construir uma mirada em perspectiva dos acordos e das articulações institucionais, com o objetivo de sugerir uma visão de conjunto dos inúmeros aspectos que ainda restam ser analisados.

Notas

- ¹ Trabalhos recentes de Faria (2003), Castro Santos e Faria, (2003) e Rocha (2003) analisam questões fundamentais no âmbito dessa temática.
- ² Para uma visão de conjunto do tema, consultar também: Marinho (2001; 2003) e Campos (2002).
- ³ Uma análise acurada sobre a trajetória do Instituto de Higiene, sobretudo a sua constituição como um *locus* de referência no ensino e pesquisa, e difusão de práticas e concepções em Higiene e Saúde Pública encontra-se em Faria (2003).
- ⁴ Uma discussão mais aprofundada sobre o *numerus clausus* pode ser encontrada em Marinho (2003). Sobre a criação da Escola Paulista de Medicina, consultar Silva (1998).
- ⁵ Cf. Vale (1985). A difusão desse modelo para outras instituições de ensino médico em São Paulo e no restante do país permanece um tema pouco explorado.
- ⁶ Sobre a presença da FR, as ações que resultaram nessa monumental transferência de concepções institucionais, padrões de produção científica e recursos financeiros foram analisadas em trabalhos anteriores nos quais são identificados atores, tensões, alianças e conflitos que, evidentemente, permeiam relações do porte e natureza aqui retratados. Um tema que permanece ainda razoavelmente inexplorado refere-se à análise das ações da FR em um conjunto diversificado de setores, entre os anos 1940 e 1960, em diversas localidades do país. Entre recursos significativos e ações institucionais podem ser relacionados desde um fluxo permanente na concessão de bolsas de estudos até a introdução, na década de 40, da pesquisa básica na estrutura da Universidade de São Paulo em Genética na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo (USP). Na pesquisa básica, na área biomédica, vem sendo destacado sistematicamente o financiamento concedido a Theodosius Dobzhansky para estudos pioneiros com *drosophila*

e, posteriormente, os auxílios destinados a Gustav Brieger para o desenvolvimento da genética vegetal na Escola Superior Agrícola Luiz de Queiroz. Ações no campo biomédico desdobraram-se, subseqüentemente, no financiamento das atividades de ensino e pesquisa na Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto (1952). A FR esteve presente também na constituição do Instituto de Oceanografia e, posteriormente, na introdução da medicina nuclear no Brasil, com o financiamento do Laboratório de Isótopos na Faculdade de Medicina de São Paulo. Cf. Marinho (2001).

- ⁷ O programa desenvolveu-se a partir de cinco divisões: Divisão Internacional de Saúde (1927), Divisão de Ciências Médicas (1919), Divisão de Ciências Naturais (1929), Divisão de Ciências Sociais (1929), e Divisão de Humanidades (1929). Para esse programa e o de educação médica desenvolvido na China foram destinados, de 1915 a 1950, cerca de US\$ 18.800.322, despendidos com bolsas outorgadas diretamente pela FR. Cf. *The Rockefeller Foundation Directory of Fellowship Awards*, Nova York, 1951, apud *Fundo Ernesto Leme* (CDAPH-USF).
- ⁸ Acerca da condição de ex-bolsistas dos dirigentes da SBPC, todas as gestões da entidade tiveram como membros, presidentes, ex-presidentes, secretários ou tesoureiros, pesquisadores beneficiados com recursos da Fundação Rockefeller. Aponto a seguir uma relação de ex-bolsistas pertencentes aos quadros da SBPC. O levantamento tomou como referência o período que vai da fundação até o ano de 1985, a partir da listagem relacionada por Fernandes (1990), na qual a autora oferece a relação dos diretores da instituição. A identificação dos bolsistas é de minha responsabilidade. Foram eles: 1948-1951, presidente Jorge Americano, vice-presidente Maurício Rocha e Silva, secretário-geral José Reis, tesoureiro Paulo Sawaya; 1951-1953, vice-presidente Maurício Rocha e Silva, secretário-geral Adolpho Martins Penha, tesoureiro Paulo Sawaya; 1953-1955, vice-presidente Maurício Rocha e Silva, secretário-geral Paulo Sawaya, tesoureiro Adolpho Martins Penha; 1957-1959, vice-presidente Maurício Rocha e Silva, secretário-geral Paulo Sawaya, tesoureiro Adolpho Martins Penha; 1959-1961, presidente Baeta Viana, vice-presidente José Leite Lopes, tesoureiro Adolpho Martins Penha; 1961-1963, presidente Baeta Viana; 1963-1965, presidente Maurício Rocha e Silva, vice-presidente José Ribeiro do Vale; 1965-1967, presidente Maurício Rocha e Silva, vice-presidente José Ribeiro do Vale, secretário Warwick Kerr; 1967-1969, presidente Maurício Rocha e Silva, vice-presidente Warwick Kerr, secretário-geral José Ribeiro do Vale; 1969-1971, presidente Warwick Kerr; 1971-1973, presidente Warwick Kerr; 1973-1975, presidente Oscar Sala, 2º vice-presidente Carlos Chagas Filho; 1975-1977 presidente Oscar Sala, 2º vice-presidente Crodowaldo Pavan; 1977-1979 presidente Oscar Sala, 2º vice-presidente Francisco M. Salzano; 1979-1981, presidente José Goldemberg; 1981-1983 presidente Crodowaldo Pavan; 1983-1985, presidente Crodowaldo Pavan.
- ⁹ Provável referência ao físico Mário Schemberg.
- ¹⁰ Trata-se, possivelmente, de *boss* no sentido de uma “chefia comum”.

Referências

ARNOVE, Robert (Ed.). *Philanthropy and cultural*

- imperialism*. The Foundation at home and abroad. Bloomington: Indiana University Press, 1982.
- CAMPOS, Cristina de. *São Paulo pela lente da higiene*: as propostas de Geraldo Horácio de Paula Souza para a cidade: 1925-1945. São Carlos, SP: Rima, 2002.
- CASTRO SANTOS, Luis Antonio de; FARIA, Lina Rodrigues de. *A reforma sanitária no Brasil*: ecos da Primeira República. Bragança Paulista, SP: CDAPH; EDUSF, 2003.
- CUETO, Marcos (Ed.). *Missionaries of science*. The Rockefeller Foundation and Latin America. Bloomington; Indianapolis: Indiana University Press, 1994. 192 p.
- FARIA, Lina Rodrigues de. *Ciência, ensino e administração em Saúde*: a Fundação Rockefeller e a criação do Instituto de Higiene de São Paulo. 2003. 219 p. Tese (Doutorado) – Departamento de Ciências Humanas e Saúde, Instituto de Medicina Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2003.
- FERNANDES, Ana Maria. *A construção da ciência no Brasil e a SBPC*. Brasília: Ed. UnB; CNPq; ANPOCS, 1990.
- FOSDICK, Raymond B. *La Fundación Rockefeller*. México: Grijalbo, 1957.
- KOHLER, Robert E. Science, foundations, and american universities in the 1920s. *Osiris*, [Philadelphia]: University of Pennsylvania, n. 3, p. 135-164, 1987.
- MARINHO, Maria Gabriela da Silva Martins da Cunha. *Norte-americanos no Brasil*: uma história da Fundação Rockefeller na Universidade de São Paulo (1934-1952). Campinas: Autores Associados; Bragança Paulista, SP: EDUSF; Fapesp, 2001.
- _____. *Elites em negociação*: breve história dos acordos entre a Fundação Rockefeller e a Faculdade de Medicina de São Paulo: 1916-1931. Prefácio de Hebe Maria Cristina Vessuri. Bragança Paulista, SP: CDAPH; EDUSF, 2003. 142 p.
- MILLER JUNIOR, Harry. *Harry Miller Jr.*: depoimento, 1977. Rio de Janeiro: FGV; CPDOC, 1991. (História Oral).
- MONTENEGRO, Benedicto. *Os meus noventa anos*: 7.7.1978. [São Paulo]: ed. do autor, 1978.
- PESSOA, Nicodemus. Unicamp: perfil da mais discutida universidade brasileira do momento. *Jornal da Tarde*, São Paulo, 14 set. 1977. Caderno 1, p. 6-7.
- RIBEIRO, Darcy. *Confissões*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- ROCHA, Heloisa Helena Pimenta. *A higienização dos costumes*. Campinas: Mercado de Letras; Fapesp, 2003.
- SILVA, Márcia Regina Barros da. *Construindo uma instituição*: Escola Paulista de Medicina, 1933-1950. 1998. Dissertação (Mestrado) – Departamento de História, FFLCH, USP, São Paulo, 1998.
- VALE, José Ribeiro do. *José Ribeiro do Vale*: depoimento, 1977. Rio de Janeiro: FGV; CPDOC, 1985. (História Oral).
- VAZ, Zeferino. Carta [“*Meu caro Bob Watson (...)*”] de Brasília, em 13.4.1964, para Robert Briggs Watson. *Arquivo SLARQ/Unicamp/Zeferino Vaz*. (1964 cm).
- _____. Carta [“*Recebi sua carta (...)*”] de Brasília, em 17.11.1964, para Harry M. Miller. *Arquivo SLARQ/Unicamp/Zeferino Vaz*. (1964cr).
- _____. [Entrevista]. *O Estado de S. Paulo*. São Paulo, 19 mar. 1978. Caderno 1, p. 38.
- _____. *Zeferino Vaz: depoimento, 1977* (1985). Rio de Janeiro: FGV; CPDOC, 1985. (História Oral).

Sobre a autora:

Maria Gabriela S. M. C. Marinho é doutora em História Social (FFLCH-USP) e professora do Programa de Mestrado em Educação da Universidade São Francisco.